



AS RELAÇÕES DE GÊNERO E HISTÓRIAS DE VIDAS DE MULHERES DO QUILOMBO DA COXILHA NEGRA/RS

LAS RELACIONES DE GÉNERO E HISTORIAS DE VIDAS DE MUJERES DEL QUILOMBO DEL COXILHA NEGRA/RS

GENDER RELATIONS AND LIFE STORIES OF WOMEN FROM THE QUILOMBO OF COXILHA NEGRA/RS

ROSA, Graziela Rinaldi da¹

Resumo

Conhecer quem são e como vivem as mulheres nos Quilombos de São Lourenço do Sul/RS foi um dos objetivos da pesquisa ação participante intitulada “Mulheres Quilombolas do Município de São Lourenço do Sul: Identidades, vivências e memórias dos quilombos”, desenvolvida com apoio da FAPERGS/CNPq, realizada entre os anos 2016-2019 nos cinco quilombos reconhecidos de São Lourenço do Sul. Nesse artigo, iremos apresentar um recorte dessa pesquisa, como ela foi desenvolvida no Quilombo da Coxilha Negra, de São Lourenço do Sul. Os encontros foram realizados com metodologias híbridas, como por exemplo: Entrevistas individuais e pré-estruturadas; encontros de grupo focal; Oficinas de Bonecas Negras, rodas de diálogos e observação da comunidade, juntamente com as mulheres que vivem nos quilombos. Com essa pesquisa foi possível realizar o primeiro estudo sobre a vida das mulheres dos Quilombos de São Lourenço do Sul, conhecendo suas demandas, suas histórias de vidas, os desafios cotidianos, seus sonhos e a própria história dos Quilombos a partir do protagonismo feminino, além de problematizar as relações de gênero, a divisão do trabalho, escolaridade, Violências, entre outros temas. Tais temas foram discutidos numa perspectiva feminista a partir de autoras que embasaram a pesquisa e as análises das histórias de vidas, como por exemplo: Bell Hooks (2019, 2021); Claudia Korol (2007); Marie-Christine Josso (2007) e Luz Maceira Ochoa (2008), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2019).

¹ Licenciada em Filosofia; Especialista em Metodologia do Ensino; Doutora em Educação, Docente da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, São Lourenço do Sul, RS, Brasil. Integrante da Articulação em Defesa da Educação do Campo-AEDOC. Integrante do D'Generus/UFPEL, e da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Integrante do GT Gênero e Filosofia-ANPOF. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE/FURG. Coord^a da Linha de Pesquisa "Relações de gênero e feminismos na educação" GESE/FURG. Integrante do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São Lourenço do Sul/RS E-mail: grazirinaldi@gmail.com

Palavras-chave: Mulheres Quilombolas; Educação popular; Gênero; Educação do Campo e Feminismos.

Resumen

Conocer quiénes son y cómo viven las mujeres en los Quilombos de São Lourenço do Sul/RS fue uno de los objetivos de la investigación acción participante titulada "Mujeres Quilombolas del Municipio de São Lourenço do Sul: Identidades, vivencias y memorias de los quilombos", desarrollada con apoyo de la FAPERGS/CNPq, realizada entre los años 2016-2019 en los cinco quilombos reconocidos de São Lourenço do Sul. En ese artículo, vamos a presentar un recorte de esa investigación, como ella fue desarrollada en el Quilombo de la Coxilha Negra, de São Lourenço do Sul. Los encuentros fueron realizados con metodologías híbridas, como por ejemplo: Entrevistas individuales y pre-estructuradas; encuentros de grupo focal; Talleres de Muñecas Negras, ruedas de diálogos y observación de la comunidad, juntamente con las mujeres que viven en los quilombos. Con esa investigación fue posible realizar el primer estudio sobre la vida de las mujeres de los Quilombos de São Lourenço do Sul, conociendo sus demandas, sus historias de vidas, los desafíos cotidianos, sus sueños y la propia historia de los Quilombos a partir del protagonismo femenino, además de problematizar las relaciones de género, la división del trabajo, escolaridad, Violencias, entre otros temas. Tales temas fueron discutidos en una perspectiva feminista a partir de autoras que embasaron la investigación y los análisis de las historias de vidas, como por ejemplo: Bell Hooks (2019, 2021); Claudia Korol (2007); Marie-Christine Josso (2007) y Luz Maceira Ochoa (2008), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2019).

Palabras clave: Mujeres quilombolas; Educación popular; Género; Educación rural y feminismos.

Abstract

Knowing who they are and how women live in the Quilombos of São Lourenço do Sul/RS was one of the objectives of the research participant action entitled "Quilombola Women of the Municipality of São Lourenço do Sul: Identities, experiences and memories of the quilombos" developed with the support of FAPERGS/CNPq, held between the years 2016-2019 in the five recognized quilombos of São Lourenço do Sul. In this article, we will present a snippet of this research, as it was developed in Quilombo da Coxilha Negra, São Lourenço do Sul. The meetings were conducted with hybrid methodologies, such as: Individual and pre-structured interviews; focus group meetings; Black Doll Workshops, dialogue circles and community observation, together with women living in the quilombos. With this research it was possible to carry out the first study on the life of women of the Quilombos of São Lourenço do Sul, knowing their demands, their life stories, the daily challenges, their dreams and the very history of the Quilombos from the female protagonism, gender relations, division of labor, schooling, violence, among other themes. These themes were discussed in a feminist perspective from authors who based the research and analysis of life stories, such as: Bell Hooks (2019, 2021); Claudia Korol (2007); Marie-Christine Josso (2007) and Luz Maceira Ochoa (2008), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2019).

Keywords: Quilombola Women; Popular education; Gender; Rural Education and Feminisms.

Conhecendo os Quilombos do Sul do Sul do Brasil

Ao chegar na Universidade Federal do Rio Grande/FURG, para atuar como professora do Instituto de Educação-IE, no campus de São Lourenço do Sul/RS, após meu ingresso via concurso público federal me deparei com um território composto por uma diversidade de povos tradicionais, e uma quantidade significativa de comunidades quilombolas (cinco reconhecidas). Sabe-se que:

As lutas pela defesa dos territórios se fizeram presentes em diferentes períodos históricos, em muitas comunidades, atualmente categorizadas, que se auto identificam como quilombolas. Essas comunidades possuem uma multiplicidade de denominações em seus distintos contextos, tais como 'terras de preto', 'terras de santo', 'mocambos' e 'quilombos' (SOUZA, 2016, p. 19)

Esse texto está escrito no contexto da educação do campo/educação popular, e de uma pedagogia da terra, que valoriza a luta pela terra e preservação das culturas, muitas vezes negadas. Trata de um estudo que buscou ouvir o que mulheres de comunidades remanescentes de quilombos tinham a contar sobre a história do quilombo, a luta pela terra, o sentimento de pertencimento, o que é ser uma mulher quilombola, bem como refletir sobre seus desafios e sonhos.

A pesquisa envolveu cerca de 50 mulheres que viviam nos cinco quilombos: (1.) Quilombo Rincão das Almas; (2) Monjolo; (3) Torrão; (4) Serrinha e (5) Coxilha Negra. Inicialmente, se pensou em trabalhar apenas com as mulheres, mas, devido à presença significativa de meninas adolescentes, foram realizadas entrevistas também com jovens quilombolas.

[...] as comunidades quilombolas não eram apenas refúgios para ex-escravos que fugiam de seus senhores. Sendo comunidades economicamente ativas, e que na maioria das vezes mantinham certa independência do governo e de outras comunidades, os quilombos atraíam: índios; mulatos ou brancos que, fugindo dos grandes centros por falta de oportunidades, procuravam construir uma nova vida; muitos perseguidos pela justiça e pela Igreja; soldados desertores, europeus que se sentiam excluídos da sociedade por motivos variados; negros livres que optavam por viver naquelas comunidades; e até mesmo vendedores e aventureiros que, em suas peregrinações, acabavam se estabelecendo por ali. (LOBÃO, 2014, p. 26)

Sabe-se que “o primeiro registro de um quilombo nas Américas é de 1522” (LOBÃO, 2014), e que em 1850 a *Lei de Terras* foi criada, proibindo a aquisição das terras, a não ser pela compra. Historicamente, os negros, indígenas, agricultores/agricultoras familiares e mulheres, por exemplo não foram beneficiados/as por qualquer lei que garantisse o acesso e permanência à Terra, tendo que esses/as encontrar formas de lutas para estruturarem seus territórios e manterem vivas suas culturas e tradições.

Entendemos que se compreender como pertencente de uma comunidade de povos remanescentes quilombolas compõe um processo de vida e construção coletiva. E como educador/educadora popular temos também o desafio de contribuir para que além desses povos saberem sobre as histórias dos quilombos, (re)conheçam suas histórias de vida, valorizem seus territórios e os fortaleçam.

Uma das características das comunidades formadas por escravos fugidos era a existência de alianças com outras camadas sociais: indígenas, comerciantes, pequenos agricultores. Conhecidas como quilombos ou mocambos, essas comunidades foram aparecendo em várias localidades brasileiras próximas aos engenhos, às minas de ouro e pedras preciosas, nos sertões e nos campos (MATTOS, 2009, p. 137).

Quando estudamos, geralmente conhecemos a história e cultura afro-brasileira de regiões brasileiras do centro-norte do Brasil. Pouco aprendemos nas escolas sobre a existência de Quilombos no Sul do Brasil, e que ainda há comunidades com povos remanescentes de quilombos organizadas no Rio Grande do Sul. A história dos Quilombos urbanos também não chega nas salas de aula e, assim, vamos conhecendo apenas uma face dessa história.

Aquilombar-se foi historicamente uma forma e (re) existência do povo negro. Trata de um movimento, com estratégias bem definidas e que visam dentre outras coisas, garantir a sobrevivência, a emancipação, a luta pela terra e qualidade de vida, mantendo suas culturas vivas.

A ideia central do movimento de **aquilombar-se** reside nas várias estratégias e mobilizações impetradas pelos quilombos, mocambos, terras de preto, terras de santo (entre outras denominações existentes para essas comunidades que conceituo aqui como comunidades quilombolas), ao longo da história do país, para se manter física, social e culturalmente (SOUZA, 2016, p. 30).

O projeto intitulado “Diagnóstico das Comunidades Negras Rurais Remanescentes de Quilombos” (EMATER/RS-ASCAR, 2005), buscou mapear os agrupamentos de famílias de afrodescendentes no Estado do Rio Grande do Sul. Esse trabalho, conhecemos em 2019, durante o lançamento do documentário das Mulheres, ocasião que a professora Rosane Rubert participava com lideranças quilombolas da região Sul do RS, do *Seminário das Mulheres do Campo, das águas, florestas e cidades*, realizado pelo *Coletivo Feminista Dandaras/FURG*, campus São Lourenço do Sul.

Estudos como esse tem demorado para chegar em nossas Universidades, especialmente na formação de professores/as e salas de aula da educação básica. Dentre as comunidades visitadas para esse mapeamento, estivemos também em algumas, como as Comunidades Quilombolas: Torrão; Serrinha; Picada e Rincão das Almas.

Outro aspecto que se reivindica que seja levado em consideração, na definição do que vem a ser ‘quilombola’, é a caracterização de um agrupamento territorializado de afrodescendentes enquanto *locus* de resistência ao preconceito racial e ao estigma decorrente da manutenção de atributos culturais específicos. Argumenta-se, nesse sentido, que o caráter escravista das relações branco/negro não findaram com a abolição, o que se revelaria por agregados estatísticos que indicam as precárias condições de vida e limitadas formas de ascensão social dos afrodescendentes. A categoria ‘quilombo’ se constituiria, portanto, em uma possibilidade de resgate de uma dívida histórica que se tem para com este contingente étnico-racial, na medida em que lhe daria acesso a direitos e políticas públicas especiais (RUBERT, 2005, p. 27-28)

É importante destacar que nesse estudo ficou registrado que outros setores da sociedade civil estavam desenvolvendo ações visando alternativas de geração de renda e melhorias de infraestrutura, no caso do Quilombo do Torrão Rosane Rubert (2005, p.60) diz:

Além da EMATER/RS-ASCAR, outras instâncias da sociedade civil vêm desenvolvendo alternativas de geração de renda e melhorias na infraestrutura, dentre elas o CAPA (produção agrícola e artesanato) e Pastoral do Negro/Igreja Católica (oficina de corte e costura e artesanato em tecido com as mulheres). A comunidade possui projeto encaminhado ao RS Rural como agricultores familiares.

Como podemos ver, em algumas comunidades, diferentes trabalhos foram sendo desenvolvidos, mas essa não era a realidade que encontramos e o que as mulheres do Quilombo Coxilha Negra/RS relataram nos encontros. Elas afirmaram sentir falta de que mais atividades fossem realizadas na comunidade, que houvesse mais projetos, ações

com as escolas e universidades, mais “entretenimento e união das próprias mulheres” (M.I.F; Quilombola da Coxilha Negra, entrevistada em 2017).

Com a ampliação das Universidades Federais e os multicampis, passamos a ter novos desafios, especialmente para a formação de professores/as. Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) temos um campus no Município de São Lourenço do Sul/RS, e nele começamos a ter a presença de estudantes quilombolas. Tal presença tem nos desafiado para que possamos pensar as práticas de ensino, pesquisa e extensão voltadas para a inclusão da diversidade étnico-racial, o diálogo intercultural e metodologias híbridas, inspiradas especialmente na Educação Popular, nos movimentos sociais feministas e nas pedagogias populares feministas, numa perspectiva Latino-Americana e decolonial.

Georgina Nunes (2019, 150), professora e pesquisadora negra da Universidade Federal de Pelotas - RS (UFPEL) escreveu sobre “Lideranças negras, Terra e Educação em Quilombos”, e sobre a narrativa de uma mulher quilombola, diz:

É uma narrativa que necessariamente não expõe apenas a dor; é difícil escrever as particularidades da voz! Revela um percurso que se faz recorrente em outros tantos territórios negros, cujas matriarcas dos locais se perpetuam nas gerações presentes e estão a produzir tantas outras narrativas e textos. Reeditam, em muitos casos, os elementos de uma sociedade que não se democratizou nas relações de raça/etnia e gênero, mas que apontam outras arenas de luta e contestação, entre elas, espaços formais de educação como a escola.

Essa questão que é exposta por Georgina é muito importante para pensarmos as narrativas das mulheres negras, e também para discutirmos acerca do motivo que nos fez mudar os rumos metodológicos da pesquisa, e produzir um documentário, que não estava previsto no início da proposta do projeto de pesquisa. Encontramos, na época, poucas produções bibliográficas sobre as comunidades negras rurais remanescentes de quilombos do Sul do Rio Grande do Sul, e essa lacuna era ainda maior ao tratarmos sobre as mulheres que vivem nesses territórios.

Diante de tantos desafios, optamos em construir uma metodologia híbrida, a fim de conseguir potencializar as vozes das mulheres e suas histórias de vida, assim como as memórias dos Quilombos a partir de uma educação popular feminista, voltada para o

fortalecimento de protagonismos de mulheres de comunidades de povos remanescentes de quilombos do Sul do Brasil.

Nesse sentido, podemos falar de uma Educação Popular Feminista, pois os feminismos têm contribuído no campo da Educação Popular, para valorizar o que as educadoras populares e/ou pesquisadoras feministas têm a dizer, além de conhecer os temas, métodos e metodologias que as feministas se utilizam para contribuir na emancipação e libertação de mulheres e/ou grupos de mulheres. (ROSA, 2019, p. 105).

As oficinas de bonecas negras realizadas em quilombos do Sul do Sul, do Brasil, inseridas numa metodologia de pesquisa participante compõe algumas práticas de pedagogias populares feministas que desenvolvemos nesse projeto e em outros, vinculados ao Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande, e ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Sobre os resultados da pesquisa temos publicado e apresentado coletivamente em eventos, demonstrando que “com a presença de uma universidade pública e gratuita no município de São Lourenço do Sul, os/as quilombolas passam a ingressar no ensino superior, com destaque para a presença das mulheres nesse ingresso” (ROSA, FERREIRA, 2021, p. 42).

Para Catherine Walsh (2014, p. 29) “*las pedagogías, son las prácticas, estrategias y metodologías que se entretajan con y se yconstruyen tanto en la resistencia y la oposición, como en la insurgencia, el cimarronaje, la afirmación, la re-existencia y la re-humanización*”. Podemos dizer que fazer bonecas negras com mulheres que vivem nos quilombos foi uma metodologia estratégica de cunho feminista e de(s)colonial, pois ela motivou os encontros, a troca dialógica, as reflexões sobre “ser mulher quilombola” nos mostrando que as pedagogias populares são fecundas para as práticas sociais, políticas, epistêmicas, ontológicas de cunho democrático, libertário e emancipatório.

Essa pesquisa ação participante abriu caminhos para outros trabalhos com grupos de mulheres, pois como envolveu apenas mulheres e não homens, gerou inquietação, e até mesmo questionamento por parte de alguns homens, e motivou novos grupos a se auto-organizarem.

As mulheres participantes da pesquisa se sentiram valorizadas e falaram o quanto os encontros da pesquisa-ação foram importantes. Esses relatos também aparecem no

documentário disponível no youtube, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=AH3HULiU5zk&t=7s>.

Ouvir as histórias de vida das mulheres e meninas adolescentes que viviam nos cinco quilombos de São Lourenço do Sul/RS e ter a oportunidade de realizar encontros de grupos focais, entrevistas, rodas de diálogos e oficinas de bonecas negras durante alguns anos de pesquisa, motivou algumas mulheres a seguirem confeccionando bonecas negras; outras, a contribuírem ou seguirem nos movimentos sociais organizados, ingressarem na Universidade, e/ou seguirem estudando.

Refletir com as mulheres sobre o papel delas nas comunidades, seu trabalho, necessidades, desafios cotidianos, bem como suas demandas e sonhos nos possibilitou aprender com elas, buscando fortalecer seus protagonismos, suas produções artesanais, trabalho, seus processos educativos, suas andarilhagens. A pesquisa-ação proporcionou um momento de reflexão coletiva, sobre a própria união e atuação coletiva das mulheres. Como exemplo, temos a fala de G.F (2017):

[...] mas ainda falta mais união, ainda tá muito disperso...um quer o outro não quer, um quer de um jeito outro quer de outro jeito, e tu não sabe pra qual lado vai correr... Ai agrada uma, e desagrada a outra... ai tu fica só esperando aquela que vai primeiro e depois tu vai atrás.

Ver, ouvir e conhecer como vivem as mulheres e o que fazem nas comunidades é o mínimo que nós educadores/as temos que saber. Assim, conseguiremos desenvolver uma educação que valorize a diversidade étnico-racial, a diversidade de gênero, os povos tradicionais existentes no entorno das escolas e Universidades.

Desde sua constituição, a escola moderna é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças. Embora não seja possível atribuir a ela toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela continua sendo, para crianças e jovens, um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais (MEYER; SOARES, 2004, p. 8).

Espera-se que essa pesquisa possa seguir oportunizando que as vozes das mulheres dos Quilombos sejam ouvidas em outros contextos, nas comunidades, universidades e nas escolas, motivo pelo qual, além de produções escritas, optou-se por também produzir um documentário.

As comunidades negras rurais remanescentes de quilombos são muitas vezes “confundidas como redutos de libertos, treze de maio, ex cativos, etc” (FIABANI, 2012, p. 27). Elas permanecem no imaginário de estudantes da forma que foram representadas em livros didáticos, quando foram. Mas, ao conhecermos essas comunidades, podemos ver suas dinâmicas culturais auto-organizadas na luta pelo reconhecimento de suas culturas e ancestralidade.

Conhecendo as mulheres que vivem nos Quilombos

Quando eu entrei na universidade eu não me considerava quilombola, me considerava agricultora, e na verdade eu já era mulher quilombola, negra e agricultora. Então, é um grande desafio, a gente tem que estar inserido, estar lutando pelos seus. Estar buscando, estar aprendendo, estar estudando. E quando a gente não tem na história da vida da gente empoderamento desde criança de ser quilombola, de ser uma mulher, que a gente não sabe o que é ser. Eu aprendi a ser quilombola (A. F.; 2017).

Os estudos de gênero e feministas tem discorrido acerca da conhecida teoria da filósofa Simone de Beauvoir, de que não se nasce mulher, se torna mulher. A fala que temos acima nos evidencia que as mulheres de comunidades quilombolas também aprendem a ser quilombolas, e esse processo se dá com muita resistência frente os preconceitos que sofrem, e dentre outras coisas, buscando conhecer-se a si mesma e a história de seu povo. Esse movimento não é algo fácil, pois as mulheres que vivem nas comunidades enfrentam dificuldades materiais, estruturais e de diversos âmbitos. A mesma mulher negra e quilombola durante a pesquisa, problematizou:

E hoje eu me considero uma mulher quilombola negra e lutando pelos ideais que aparecem, e quando a gente não tem esse empoderamento desde a infância e não sabe dessas lutas, e que a gente não foi estruturado pra ser essa pessoa quilombola é muito difícil. Nem acho palavras.... pois ser quilombola.... Tu vai ser quilombola e tu vai ter as mesma lutas e enfrentamentos das quilombolas dos outros Estados, tem que estar consciente que tens esses enfrentamentos, pode passar pela vida e nem perceber ou fechar os olhos para essas questões. E, se tu fecha os olhos pra essas questões, tu não vai estar lutando, não vai estar querendo lutar. E depois quando acontece essas coisas e tu tem consciência, tu fica muito triste... porque tu pensa “por que não te falaram antes?”, “por que essas coisas tu tá só aprendendo agora?”, e quando vem alguém que te crítica, tu também fica muito triste... pois tu não teve isso desde a infância (A.F. 2017)

A fala acima transcrita nos provoca a pensar o quanto a educação pode contribuir para esse reconhecimento enquanto povo tradicional quilombola. Tanto a organização desses/as quilombolas que vivem nas comunidades, quanto o protagonismo daqueles/as que saem e retornam é fundamental. Percebe-se que as jovens passaram a sair das comunidades e após estudarem começam a retornar, outras estudam sem sair dos quilombos, tendo dificuldades ainda maiores, pois não há transporte para a zona rural, muitas vezes, e ainda temos situações de idosas que ao se aposentarem, retornam para seu território. Durante os encontros, elas falaram sobre os desafios que enfrentam:

Os desafios... Pela parte de não ter escola. Não ter creche para as crianças pequenas, só as escolinhas. Mas como minha filha é pequenininha teria que ser creche, e não tem como eu trabalhar e é difícil de estudar também (M. 2017).

A rotina de trabalho de casa, cuidado com os/as filhos e filhas, e trabalho no campo foi o que mais nos relataram. Sobre o que as mulheres faziam, A.F (2017) conta:

As mulheres do quilombo aqui da Coxilha Negra são domésticas e agricultoras. Donas de casa e trabalham na lavoura, na agricultura, agricultura familiar, nas lavouras de fumo, trabalham como diarista... Porque tem pouca terra, né. Ai tem que se deslocar pra outros agricultores pra poder ganhar seu dia e quando chega em casa, tem que fazer as tarefas da casa, lavar, passar, cozinhar e fazer tudo... E depois, no outro dia, estar linda e feliz pra ir na lavoura de novo.

A preservação da cultura, das tradições sociais e culturais quilombolas, dos cultivos, das plantações, preservação das sementes, os trabalhos artesanais, bem como a história dos quilombos e a formação de novas lideranças perpassa pela atuação das mulheres nas comunidades quilombolas do município de São Lourenço do Sul/RS. No entanto, elas enfrentam muitas dificuldades para estudar e trabalhar.

As mulheres do Quilombo da Coxilha Negra relataram sofrer preconceitos e racismo. Vejamos:

As mulheres não tem grande oportunidade de emprego, porque é mais os maridos que eles saem pra fora, para trabalhar. É mais em casa, cuidando da casa dos filhos (M.2017).

Preconceito, que a gente sofre muito. Mesmo não assim na fala, mas em olhares, a gente percebe muito o preconceito. E que a gente fosse vista como mulheres guerreiras. É isso. (M.I.F, 2017).

O preconceito e o racismo precisa ser trabalhado de forma que as mulheres negras quilombolas passem a ocupar outros espaços, e tenham oportunidade de atuação profissional. Tais discussão precisam entrar nos currículos escolares. Vejamos o que uma das jovens quilombolas relatou sobre como é trabalhado ou se é nas escolas a questão etnico-racial:

Não muito, porque são mais da cultura alemã, tem festa alemã... nunca pararam pra fazer uma festa de negro (B. F., 2017).

Mesmo sofrendo preconceito e discriminação, são as mulheres que são as lideranças na maioria dos quilombos pesquisados. Dentre os cinco quilombos reconhecidos, apenas dois possuem homens como presidentes das associações quilombolas. São elas que falam das demandas urgentes, acessam as Universidades e retornam para as comunidades buscando melhorias para seu povo. São mulheres, lideranças do movimento de Consciência Negra de São Lourenço do Sul, que também buscam o reconhecimento de um sexto quilombo - *Quilombo das Nascentes*. Vejamos a fala da liderança negra Vera Macedo sobre a importância das mulheres nesses territórios e os preconceitos que sofrem. (Entrevista cedida na praça Dedé Serpa para a pesquisa):

Começa com a agricultura familiar, que ajuda o sustentar o país, ali tá os braços das negras. Se elas não plantam nos seus espaços, elas plantam para os outros, no espaço dos outros. Ali tá a força da mulher negra, hoje a importância que eu acho da mulher negra quilombola, eu vejo assim, a autoestima da mulher negra tem que ser mais trabalhada, com projetos que valorizem o trabalho da mulher como esse projeto que tá sendo feito, que valorizem a mulher negra, pra trabalhar a autoestima da mulher negra. Quem tá na cidade, ainda tá mais próximo de tudo... Elas tão distantes... Tão sofredas, porque na verdade tu vê uma negra linda sorriso aberto porque é da Natureza, porque na verdade ela lá no fundo, ela tem as agruras dela, de tristeza, muitas vezes de não ter um vestido bonito.. Uma coisa tão comum, mas que a gente sabe que pra negra é difícil.

Mesmo sendo líderes e ocupando espaços nos bancos de nossas Universidades, elas ainda aguardam por políticas públicas, concursos públicos e outras oportunidades para melhorar suas vidas, de sua família, e comunidades.

Assim, a pesquisa ação participante aqui apresentada, partiu do sonho de uma estudante negra quilombola, que queria ensinar outras mulheres dos diferentes quilombos de São Lourenço do Sul/RS a fazer bonecas negras, pois as bonecas eram um instrumento pedagógico para essa artesã quilombola, e passaram a ser importantes para o autorreconhecimento e pertencimento, enquanto meninas e mulheres negras quilombolas:

[...] quando o projeto acabar tenho certeza que as bonecas não vão acabar, elas se tornaram nossa identidade. A gente não faz boneca só pra vender e ganhar dinheiro e sim porque a gente se identifica com elas. Eu faço uma boneca, olho pra mim e olho pra ela... O que eu quero por nela que eu colocaria em mim. Por exemplo o cabelo afro, eu gosto... Acho bonito, dependendo do penteado... As pulseiras... vários detalhezinhos que a gente colocaria na gente. A gente se espelha nas bonecas (GE.F, 2017).

Os estudos feministas e de gênero têm sido fundamentais para construirmos nossos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Falamos de direitos das mulheres e das relações de gênero à luz dos diferentes *feminismos*, *mulherismos* e *estudos de gênero*... mas precisamos ouvir mais o que as mulheres de povos tradicionais têm a dizer.

Pensar no plural é a premissa de aprender com os diferentes feminismos, assim como ler as mulheres negras, africanas e latino americanas também nos ajudam a conhecer diferentes movimentos de mulheres, e perceber semelhanças nas suas lutas e (re) existências.

As bonecas negras, costuradas e idealizadas pelas mãos de uma bonequeira negra quilombola trouxeram as vozes, os gritos, os sonhos, os relatos de vidas, as denúncias, as angústias, *dores* e alegrias de ser uma mulher quilombola.

Um sonho.... assim sempre o melhor pras minhas crianças, que sigam um rumo bom, não de desvie e nem deixe ninguém desviar eles. Porque pra mim é duas palavras só, sempre andar no caminho certo e nunca deixar ninguém pisar na cabeça deles, fazer de gato e sapato, isso nunca... e quem sabe se eu terminar minha escolaridade... tirar uma carteira de motorista... mas tem que ser realizado porque andar sem carteira também não dá... tem que ser! (S.C, 2017)

Na maioria dos relatos, seus sonhos estavam diretamente relacionados ao futuro de seus filhos e filhas, oportunidade de trabalho e a conclusão dos estudos. Algumas sonhavam em cursar uma Universidade para ter um emprego e não sofrer violências e preconceitos no mercado de trabalho.

As mulheres apontaram que precisam de escolas para suas crianças, para poderem voltar a estudar. Outras, sentem falta de cursos profissionalizantes, como por exemplo “para sentar tijoletas”, pois elas querem ter banheiros com cerâmicas e para isso precisam desenvolver esse tipo de trabalho.

Aprender mais sobre computação e aprender as outras coisas também. Acertar tijoleta, fazer casa... essas coisas são importantes. Fazer tudo. Se uma pessoa precisava... tu sabe fazer, pode fazer tanto em casa quanto sair para trabalhar, gostaria que todo mundo aprendesse, não só uns. Pra mim é isso aí. Outras mulheres do Quilombo da Coxilha Negra falaram sobre suas plantações, seus cultivos e hortas (J.C, 2017)

O método de pesquisa ação participante utilizado corrobora com concepções de pesquisas no campo da educação que acreditam que a prática incluída no processo investigativo corrobora com uma formação mais participativa, onde o movimento, o diálogo e a criatividade estão presentes.

Os movimentos comunitários exerceram papel fundamental na pesquisa-ação. Tendo como propósitos desenvolver a consciência do povo sobre a situação social em que se insere com a finalidade de melhorar sua condição de vida, preparam para a compreensão do contexto e, conseqüentemente, para melhoria da situação de trabalho. Em decorrência deste processo, projetam, também, a elaboração de um novo saber, encerrando um compromisso político e ideológico. Tais grupos passam a ter a capacidade de gerar conhecimento coletivo que os leva à ação social e política. Nesta perspectiva, a investigação-ação só será inovadora se atender às necessidades sociopolíticas. Em síntese, ela se move em um nível de teoria política, dissociada do projeto político dominante, pelo fato de promover a intervenção comunitária (SANTOS; SILVA; KETZER, 1994, p. 88)

Customizar e confeccionar bonecas negras durante a pesquisa, em forma de rodas de diálogos com oficinas possibilitou conhecer as mulheres que viviam nos quilombos, e assim problematizar as relações de gênero, as violências, os racismos que enfrentam, as desigualdades étnico-raciais e de gênero, entre outras, provocando as mulheres a pensarem formas de superação, bem como formas de auto-organização nas comunidades, através do trabalho artesanal. Sobre a pesquisa, elas também falaram:

Penso que é bem importante, pra gente se reunir, que antes a gente não se reunia tanto assim. Conversar, trocar experiências... E uma nova forma de renda (M. 2017).

O projeto foi uma das melhores coisas que aconteceu, aqui na comunidade foi uma das melhores coisas. Foi esse projeto das Bonecas Negras que veio pra nossa comunidade (G.F; 2017).

Situada em um território quilombola, essa pesquisa de cunho participativo desenvolvida numa perspectiva emancipatória para e com mulheres de comunidades remanescentes quilombolas, é inspirada na Educação Popular por diversos motivos,

especialmente por ser cunhado numa Universidade Pública e gratuita, com políticas públicas e ações afirmativas voltadas para o ingresso e permanência de estudantes quilombolas, visando entre outras coisas a participação comunitária e a emancipação e desenvolvimento das comunidades.

Desta forma, percebe-se que a pesquisa-ação participante contribuiu para uma formação docente, formação permanente e também para que outros/as pessoas possam criar suas próprias metodologias e compor a ciência, num movimento coletivo, visando transformação social e melhoria na qualidade de vida das mulheres que, no nosso caso, são quilombolas e, em sua maioria, negras.

Uma pesquisa que partiu da comunidade e do sonho de uma estudante negra, quilombola que, juntamente com uma professora feminista, ousou pensar a educação e a pesquisa-educação de outra forma, pois:

A participação democrática consciente e autêntica integra e fortalece o grupo, desmistifica e desafia o poder opressor das massas populares, possibilita a organização das associações de classe e, assim, se consubstancia na conquista de espaço para uma tomada de posição em prol de uma sociedade mais equilibrada e justa (SILVA, p. 96).

Atualmente, a quilombola negra, bonequeira e egressa do curso de Licenciatura em Educação do Campo segue estudando. Está cursando mestrado em Educação na Universidade Federal de Pelotas, e segue inspirando outras mulheres quilombolas a seguirem estudando.

Para não finalizar:

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Rio Grande/FURG-RS é voltado para o ensino de ciências da natureza e agrárias, bem como a formação de lideranças comunitárias. Ele possui a alternância em seu currículo, onde os/as educandos/as conseguem cursar quinze dias as aulas na Universidade e os outros quinze dias estarem nas comunidades, desenvolvendo práticas educativas escolares e/ou comunitárias. Tal método foi uma reivindicação dos movimentos sociais do campo

e de agricultores e agricultoras familiares, que viam a necessidade de termos uma educação que se adequasse a realidade do campo. No entanto, é preciso mais!

As mulheres que vivem nas comunidades quilombolas rurais de São Lourenço do Sul precisam de escolas de educação infantil para deixar seus filhos e filhas e retornarem para as salas de aulas.

Teóricos e teóricas da Educação Popular têm apontado desde suas primeiras teorias e práticas, a necessidade de uma educação que parta da realidade do/a educando/a, buscando soluções para as demandas das comunidades, e o fortalecimento de suas culturas. Uma educação totalmente voltada para a realidade do/a educando/a, buscando fortalecer os seus vínculos com seu território, com a terra, comunidade e potencializando a construção de uma consciência crítica. Para conseguirmos desenvolver um ambiente participativo, onde a educação rompa com o modelo “bancário”, criticado por Paulo Freire e por outras/os teóricos, sabe-se que os processos educativos devem ser construídos com o/a educando/a.

Nós mulheres precisamos seguir estudando para de fato, mudarmos nossas realidades, e rompermos com “as amarras” que nos colocam em situações de violências, preconceitos e desigualdades sociais.

Desenvolver uma pesquisa participante numa perspectiva feminista em comunidades quilombolas foi um grande desafio, pois a palavra “feminismo” gera desconforto para alguns, e juntamente com a categoria de gênero problematiza temas ainda silenciados em nossas comunidades de povos tradicionais. No entanto, tal pesquisa possibilitou reflexões nos encontros que podemos considerar fecundas, onde as mulheres passaram a refletir sobre o “ser mulher quilombola” e seu papel junto à comunidade e história do quilombo.

Também, durante os Seminários das Mulheres do Campo, das águas, florestas e cidades conseguimos que as mulheres que vivem nos quilombos rurais de São Lourenço do Sul participassem, e dialogassem com outras mulheres de povos tradicionais, como as pomeranas, mulheres da cadeia produtiva da pesca, agricultoras familiares, mulheres de povos de terreiro, benzedeadas e mulheres das cidades, encontrando assim, semelhanças que podem fortalecer lutas conjuntas.

É importante destacar que algumas das mulheres participantes já haviam participado de algumas edições dos seminários, e de encontros que realizamos, como o

Encontro Regional de Povos Tradicionais (FURG,2014). Foram as próprias mulheres que lançaram o documentário fruto da pesquisa, durante o Seminário das Mulheres do campo, das águas florestas e cidades.

O artigo aqui apresentado é um recorte da pesquisa, pois dialoga com os relatos e as histórias de vida das mulheres de um dos quilombos envolvidos na pesquisa-no Quilombo da Coxilha Negra/RS. Contudo, seguimos escrevendo e divulgando esse trabalho a fim de que outros envolvam as mulheres, e contribuam para o *bem viver* delas em suas comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DJAMILA, Ribeiro. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

FIABANI, Adelmir. MATO, PALHOÇA E PILÃO. **O quilombo, da escravidão à comunidades remanescentes [1532-2004]**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HOOKS, Bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. **O feminismo é para todo mundo. Políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOROL, Claudia (organizadora). **Hacia una pedagogía feminista**. El Colectivo, América Libre, 2007.

LOBÃO, Alexandre. **Quilombos e quilombolas: passado e presente de lutas**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann. Introdução. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar; SOARES; Rosângela (orgas). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 5-16.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí. Pedagogía feminista: una propuesta**. México: Colégio de México. 2008.

ROSA, Graziela Rinaldi; FERREIRA, A. S. **A confecção de bonecas negras na formação docente.** Revista Brasileira de Educação do Campo, v. 2, p. 127-143, 2017.

ROSA, Graziela Rinaldi; SANTOS, V. O. **Histórias, Memórias e Narrativas de Vida de Mulheres dos Quilombos.** In: Berenice Corsetti; Julian Fontoura; Márcia Ecoten. (Org.). História e Políticas educacionais- Contextos e Análises contemporâneas. 2ed. São Leopoldo: Casa Leiria, v. 1, p. 163-185, 2019.

ROSA, Graziela Rinaldi. **Mulheres Quilombolas do Sul do Sul: histórias, lutas, e protagonismos.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2021, Florianópolis. Anais, 2021.

ROSA, Graziela Rinaldi da; FERREIRA; Adriana S. **Vivências e narrativas de vida de mulheres das comunidades remanescentes de Quilombos do Sul.** In: GROSSI, Patrícia Krieger; BOHN, Simone; OLIVEIRA, Simone Barros de; DUARTE, Joana das Flores Org(as). Mulheres Quilombolas, Interseccionalidades e Políticas Públicas. Porto Alegre: Editora Faith, p. 37-62, 2021.

ROSA, Graziela Rinaldi. **Pedagogias Populares feministas latino-americanas: legados feministas para a educação popular.** In: SILVA, Márcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da Rosa (orgas). Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas. Curitiba: Brazil Publishing, p. 103-126, 2019.

RUBERT, Rosane A. **Comunidades negras rurais do RS: um levantamento socioantropológico preliminar.** Secretaria da Agricultura e abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul/RS RURAL; Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura- IICA. Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Beatriz Regina Lara dos; SILVA, Jacqueline Oliveira Silva; KETZER, Solange Medina. Pesquisa-ação: Do Positivismo à Ciência Crítica. In: ENGERS, Maria Emília Amaral. **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação. Notas para reflexão.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 85-94.

SILVA, Maria Aparecida Lemos. Refletindo sobre Pesquisa Participante. In: ENGERS, Maria Emília Amaral. **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação. Notas para reflexão.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 95-102.

SOUZA, Bárbara Oliveira. Aquilombar-se: Reflexões sobre aspectos político-organizativos e identitários do movimento quilombola no Brasil. In: SOUZA, Edileuza Penha de; NUNES; Georgina Helena Lima. **Memória, Territorialidade e experiências de educação escolar quilombola.** Pelotas: Editora UFPEL, 2016, p. 19-35.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir.** Buenos Aires: Del Signo, 2014.